

“Sociabilidades, estratégias e projectos de vida de menores em instituições tutelares”

Nuno Rodrigues

Muitas das crianças que hoje estão numa instituição de acolhimento já viveram em condições degradantes para qualquer ser humano. Hoje têm um lar, têm condições sócio-económicas, têm amigos, têm direitos e deveres. Mas será que a instituição consegue substituir, funcionalmente, a família em todas as suas dimensões? Será que as crianças acolhidas nestas instituições conseguem superar os traumas e as condições de vida adversas que prevaleceram numa importante fase do seu processo de crescimento? Foi para procurar encontrar algumas respostas a estas questões que se levou a cabo uma pesquisa empírica num lar de acolhimento de rapazes e que serviu de suporte à dissertação “Sociabilidades, estratégias e projectos de vida de menores em instituições tutelares – o caso do Instituto Dom Francisco Gomes (IDFG)”, desenvolvida no âmbito da licenciatura em Sociologia no ISCTE.

Na presente comunicação pretende-se fazer uma breve caracterização destes jovens, quer pela abordagem das particularidades organizacionais da instituição onde residem, quer pelas suas próprias vivências nos diferentes espaços temporais, nomeadamente através da identificação do contexto familiar de origem e das redes de sociabilidade, estratégias e projectos de vida.

O Estado Providência procura (ou procurou) implantar no seio dos países que o protagonizam, o sentimento de solidariedade colectiva. Os problemas dos mais desafortunados, nomeadamente as vítimas da pobreza, os idosos, os deficientes, entre outros, seriam resolvidos através da integração e dinamização de todos os sectores sociais. Definiram-se uma série de políticas sociais com o intuito de proteger e fortalecer os laços de solidariedade entre os membros da comunidade. O papel que durante imenso tempo foi entregue, exclusivamente, à instituição familiar começou a fazer parte dos programas governamentais. As políticas unicamente económicas deram lugar às políticas com preocupações de cariz social, centradas nas necessidades das pessoas. Foi promovida a igualdade de oportunidades entre os cidadãos, através da aplicação de programas que visavam o direito ao trabalho, à educação, à saúde, à protecção social em caso de doença ou desemprego, a pensões sociais, etc.

Em Portugal, não existe um consenso teórico em relação à adopção do modelo providencial, deambulando as teorias entre a sua especificidade e a sua inexistência. Dado este ser um longo e inacabado debate, e pelo teor da presente comunicação, torna-se mais relevante fazer uma breve referência às políticas sociais de apoio à família e à criança.

Nos últimos anos a acção do Governo, a nível de políticas sociais, tem vindo a incidir essencialmente na solidariedade e segurança social. Apesar do contributo e da supervisão Estatal, caberá à própria sociedade a criação de estruturas de apoio social aos mais desfavorecidos. Daqui deverá nascer um novo equilíbrio entre o mercado, o Estado, a família e a sociedade civil, onde estarão incluídas as instituições sem fins lucrativos e as diversas formas de solidariedade informal. Das novas políticas devem-se destacar, as novas formas de seguros sociais, que pretendem abranger, não só os grupos profissionais, mas também toda a sociedade e, sobretudo, as medidas de protecção e prevenção à exclusão social traduzidas, entre outras, pela promoção dos direitos das mulheres, pela política global de apoio aos jovens e adolescentes e o apoio especial a crianças órfãs, marginalizadas ou vítimas de violência.

Não conseguindo dar resposta directamente a todas as necessidades de apoio social, o Estado delega, mediante contrapartidas, parte das suas responsabilidades às IPSS em matéria de acção social. O predomínio destas instituições é

significativo e pode indiciar a falta de recursos do Estado, que para pôr cobro a problemas sociais recorre à iniciativa particular e da comunidade. A questão que se pode colocar é se, dada a dimensão das necessidades, serão as IPSS, nos seus actuais modos de funcionamento, a solução adequada a problemas sociais ligados à pobreza, disfuncionalidade familiar e a outras necessidades sociais que existem na sociedade portuguesa?

A instituição que serviu de suporte a este estudo, está situada em Faro e alberga 74 crianças/jovens do sexo masculino com idades compreendidas, sensivelmente, entre os 6 e os 19 anos. Estes rapazes foram vítimas de abandono familiar e é a “CASA DOS RAPAZES”¹ a fornecer-lhes o apoio e as condições necessárias ao seu processo de crescimento e de educação, até atingirem a idade adulta e a correspondente autonomia capaz de lhes permitir uma adequada inserção social.

Para melhor identificar as particularidades, quer da instituição, quer dos jovens, adoptou-se uma metodologia qualitativa, desenvolvida durante os cerca de 3 meses que o investigador permaneceu, em regime permanente de estágio, na mesma. A selecção de adultos, espaços e actores chave, tais como a psicóloga e as duas professoras, o gabinete de psicologia, as salas de apoio, as salas de convívio e, fundamentalmente, o campo de futebol, revelaram-se de extrema importância. Nesta fase houve a necessidade de quebrar algumas formas de pesquisa mais tradicionais e para tal o investigador passou diversas horas em inúmeras actividades próprias daquelas faixas etárias. Os programas televisivos infantis, as telenovelas, os trabalhos escolares, as refeições, os jogos de berlindes e do pião e o futebol, foram apenas algumas das actividades desenvolvidas com os rapazes e que facilitaram a integração na instituição e a aproximação com os rapazes.

Durante essas actividades foram conciliados dois tipos de observação: a passiva e a participante. A “observação passiva” permitiu observar dissimuladamente os rapazes, ou seja, observá-los sem que “se sentissem observados”. Este género de controle ocorreu, geralmente, através de deambulações e permanências em alguns espaços de maior afluência dos rapazes da instituição, tais como, cafés, escolas e na própria rua, que possibilitou, mais ou menos despercebidamente, apreciar as suas atitudes e comportamentos. A observação participante permitiu compreender um meio social que, à partida, era estranho, e possibilitou a integração progressiva nas actividades dos seus membros. Como técnicas complementares à observação, foram utilizadas as entrevistas semidirectivas e ainda a análise dos documentos institucionais que permitiu conhecer a história da própria Instituição.

O IDFG, como outras instituições de solidariedade social, debate-se com a escassez de verbas que origina uma elaborada engenharia financeira por parte dos seus dirigentes de modo a tentarem resolver todos os problemas inerentes ao seu funcionamento. Tais dificuldades tornam-se de difícil resolução e tendem a conduzir a dois caminhos: o primeiro traduz-se na redução das despesas com os utentes restringindo benefícios e recursos; o segundo envolve a redução do pessoal, ou pelo menos de pessoal técnico, situação que parece ser a mais usual.

A falta de recursos económicos obriga a Direcção a recorrer ao Centro de Emprego de forma a requisitar empregadas(os), com os benefícios que daí advêm, mas sem as necessárias qualificações para este tipo de função². Por outro lado, as dificuldades financeiras não permitem a contratação, em número suficiente, de pessoal técnico, como psicólogos, sociólogos, técnicos de animação sócio-cultural e educadoras de infância. Refira-se que a Direcção contrata pessoas para acumular as actividades de limpeza com actividades educativas. A existência de um corpo técnico qualificado para o desempenho das diferentes funções parece,

¹ Nome popular do IDFG.

² Para além das reduzidas qualificações não devemos esquecer o carácter provisório que estas contratações acarretam e que impossibilitam cimentar o relacionamento entre os funcionários e os educandos.

assim, um passo necessário para que a instituição possa aspirar a ter profissionais motivados para a realização de um trabalho válido e que vá ao encontro da concretização dos seus objectivos junto dos menores.

Nos profissionais que integram a instituição deve-se destacar a predominância de elementos do sexo feminino (80.56%) o que de certa forma pode ser explicado pela maior frequência de mulheres em profissões ligadas ao cuidado de crianças e, especialmente, nos serviços de limpeza. A ausência da figura masculina é uma das principais críticas levantadas, tanto por educandos como por adultos, já que a mesma, quando presente, é considerada, alegadamente, com maior respeito.

Quadro 1. Recursos humanos na instituição

PROFISSÃO	SEXO		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Quadros Técnicos	3	6	9
Directores		1	1
Psicólogos		1	1
Professores Apoio		2	2
Outros Professores	3	2	5
Auxiliares de Acção Educativa (A)	2	12	14
Serviço Diurno		9	9
Serviço Nocturno	2	3	5
Serviços Domésticos (B)		8	8
Limpeza		2	2
Lavandaria		2	2
Cozinha		4	4
Encarregada Geral (A+B)		1	1
Serviços Administrativos	2	2	4
Chefes Administrativos	1		1
Escriturários		2	2
Motoristas	1		1
TOTAL	7	29	36
%	19.44%	80.6%	100%

O reduzido pessoal presente nos turnos nocturnos é outro dos problemas que a Direcção tenta resolver. A presença de apenas 5 elementos neste período não é efectiva, isto é, nem todos estão presentes durante todos os dias da semana. Desses elementos, dos quais 2 são elementos do sexo masculinos que funcionam como guardas/vigilantes nocturnos, apenas dois permanecem, rotativamente, na instituição. Durante a permanência do investigador, e devido aos constantes períodos de baixa de dois dos funcionários dos serviços nocturnos, a instituição ficava limitada a um funcionário o que, naturalmente, dificultava o controle de todos os rapazes.

Os rapazes que se encontram internados na instituição apresentam um conjunto de características muito específicas que contribuem significativamente para o seu percurso desenvolvimental. São na sua maioria rapazes oriundos de famílias de nível sócio-económico baixo, com rendimentos económicos incertos, desemprego prolongado, fracas condições de habitabilidade e de salubridade, muitas delas com abandono do lar por parte de um dos progenitores ou mesmo de ambos. Na realidade, está-se perante famílias pouco escolarizadas e de baixas qualificações profissionais, onde predominam situações de prostituição, alcoolismo e outras formas de toxicoddependência, perturbações mentais e comportamentos sexuais desviantes.

Na maioria dos casos, quando entraram na instituição estes rapazes tinham o seu processo de iniciação escolar atrasado ou estava mesmo ausente.

Tal facto aumenta as dificuldades de aprendizagem que por si só já apresentavam, por provirem de um meio ambiente pobre em estimulação a este nível.

No quadro n.º 2 pode-se verificar que dos 68 educandos inscritos no início do ano lectivo de 1997/98, 61 estão ou estiveram em situação de insucesso escolar. Assim, apenas 7 dos alunos que frequentam o ano de escolaridade correspondente à sua idade encontram-se dentro da média esperada.

Quadro n.º 2 - Alunos inscritos no início do ano lectivo de 1997/98 segundo a idade e o grau de escolaridade

Ano de Escolaridade	IDADE													
	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
1º		1												
2º		2	4	3										
3º				2	4		1							
4º				2	1	6	6	2		2				
5º					1	4	2	1	3	2				
6º						1	1		2					
7º									3	3	1	1		
8º											1	1	1	
9º									1					
10º											1	1		
11º														
12º														1
Alunos inscritos no início do ano lectivo: 68 (mais 1 no infantário)														
Rapazes a frequentarem cursos de formação profissional (electricidade e carpintaria): 3														
Rapazes a trabalharem: 2 (ajudante de pasteleiro e operário numa carpintaria)														
Total: 74 rapazes														

Legenda:

Idade modal de frequência do ano correspondente

A análise desta elevada taxa de insucesso deve ser efectuada em dois espaços temporais. Primeiro, o período anterior à entrada dos rapazes na instituição. Nessa altura os rapazes viviam de forma desregrada. Sendo imensos os factores de risco que caracterizavam as famílias destas crianças e por entrada tardia na escola, por falta de apoio familiar ou por incapacidade económica, por terem de ficar a tomar conta dos irmãos ou, simplesmente, por falta de interesse, tudo servia de desculpa para faltarem às aulas. Apesar de muitos referirem ter gostado de frequentar a escola nesse período, parece que tal facto ficou a dever-se mais à liberdade e às companhias e amigos de então do que propriamente ao gosto pela escola em si.

Porém, no que respeita ao percurso escolar desde que estão no IDFG, há um aspecto que sugere uma certa apreensão. A taxa de absentismo à escola é muitíssimo elevada. No segundo período do ano lectivo de 1997 a média de faltas, justificadas ou não, dos alunos que frequentam os 2º e 3º ciclo situou-se, aproximadamente, nas 77. Este valor corresponde a uma média de 9 faltas por aluno em cada disciplina. Note-se ainda que nesse ano haviam alunos que já tinham ultrapassado as 190 faltas!

A entrada na Casa dos Rapazes representa para todos, positiva ou negativamente, uma alteração no modo de vida. Com excepção dos rapazes que vieram do Refúgio Aboim Ascensão³ todos consideram que passaram a ser obrigados a cumprir regras a que não estavam habituados. Os rapazes gostam de evidenciar a vida desregrada que levavam e consideram que se não tivessem entrado na instituição "ainda hoje eram uns vadios". A entrada na instituição deu-lhes condi-

³ Instituição de grande tradição no Algarve e em todo o país e que alberga crianças de ambos os sexos com menos de 6 anos.

ções que as famílias não dispunham e permitiu-lhes escapar a um meio e a um modo de vida que, possivelmente, os teria levado para a marginalidade.

A hospitalidade e alguns rituais de iniciação durante o período de admissão no IDFG são aspectos evidenciados por todos. Na fase de recepção aos recém entrados os mais velhos dão a conhecer as hierarquias próprias da idade e se os primeiros dias servem para dar a conhecer a instituição, a partir dessa altura, o panorama transforma-se substancialmente. Neste aspecto, ainda hoje é mantida a tradição, à semelhança da tropa e de outras instituições com praxes, aqui a “antiguidade é um posto”. Os mais velhos pretendem ter uma posição privilegiada perante os elementos mais novos e recém-chegados. A divisão das tarefas na Casa, os recados dos mais novos aos mais velhos, o tom de voz e a força física servem para fazer prevalecer a sua posição.

Na instituição encontram-se rapazes com carências afectivas, com necessidade de um relacionamento mais próximo e, sobretudo, um pouco amargurados com algumas das situações que se lhes deparam no quotidiano. Os actos de vandalismo que, por via do passado, aparecem muitas vezes associados a estes rapazes, têm pouco de real, sendo, no entanto, cultivada a prática do pequeno furto de doces e objectos pessoais.

A “chinchada” é o tradicional roubo de nêspersas. É usual os rapazes “equivarem-se” a seguir ao jantar e irem “à fruta, (apanhar) abricocos que é uma fruta amarela, nêspersas...a gente enche os bolsos e piramo-nos” (14 anos)⁴. Após estas “visitas” às hortas vizinhas, os rapazes regressam a casa e distribuem pelos outros. Roubar para comer, ou pelo menos para comer guloseimas, parece ser o lema destes educandos e os furtos de fruta e doces nas mercearias são frequentes.

Os outros furtos mais frequentes acontecem na rua e na escola, tendo as peças de roupa, principalmente os bonés, como principal objectivo. Os próprios educandos gostam de frisar que estes furtos são simbólicos, “acho que é uma situação normal, mas faço diferença entre roubar um boné a um colega e roubar o cofre de uma loja” (15 anos). Para os rapazes, os fins justificam os meios, e estes furtos servem para adquirir aquilo que a instituição não lhes dá ou para poupar o seu próprio dinheiro.

A razão para estes furtos apresentada por um dos rapazes talvez seja um dos pontos fulcrais do problema. Para ele, os furtos são “só para nos armarmos em bons, é para a mania” (13 anos). O facto de muitos dos furtos serem desenvolvidos em grupo pode sugerir que a componente de sociabilidade é a principal razão dos mesmos. A tentativa de imitar os restantes membros do grupo e ao mesmo tempo de se sobressaírem, apesar de não ser confirmada pelas entrevistas, parece fazer parte da estratégia de valorização dos educandos em relação aos seus pares.

Se estes furtos realizados em grupo são considerados entre eles como normais, já os actos isolados e os roubos perpetuados dentro da instituição são condenados por todos, jovens e adultos. Os roubos de objectos pessoais e de dinheiro aos funcionários e aos outros educandos apesar de não serem frequentes acontecem muitas vezes. Muitos rapazes consideram os mais novos como os principais praticantes destes actos e lamentam o facto de não conseguirem manter os seus bens. O conteúdo dos armários é o principal alvo destes furtos, já que os mesmos são facilmente abertos pelos educandos, tornando-se difícil a cada um manter os seus valores seguros.

Os espaços, tempos e actividades de lazer dos educandos estão condicionados pelos horários e pelas regras impostas pela instituição. Para além destes factores, também a parte financeira e as condições existentes na instituição fazem com que as actividades sejam em geral repartidas entre dois espaços: a própria instituição e a cidade de Faro.

⁴ Para melhor ilustrar as posições dos rapazes, decidiu-se manter algumas das expressões, com a respectiva idade daqueles que as proferiram.

A instituição possui uma série de condições propícias à ocupação dos tempos livres dos rapazes. Neste área, o campo desportivo e o pavilhão são os seus preferidos. É raro o período em que o campo desportivo não está a ser utilizado para uma partida de futebol, ou simplesmente, para remates à baliza. Se durante o dia são os mais novos que utilizam o campo, ao fim da tarde e após o jantar são os mais velhos que predominam neste espaço. Durante a semana, a permanência nestes espaços só se faz sentir até ao anoitecer, já que o mesmo é, após esses período (21 horas), alugado a equipas de fora da casa. Para além dos lucros económicos que esse arrendamento acarreta, também o convívio com pessoas de fora é salutar. Muitos deles são jogadores de futebol federados e a relação que desenvolvem com os rapazes é vista por estes como uma verdadeira amizade. Aos sábados, das 21 às 23 horas, as luzes são acendidas para que os rapazes possam disputar os seus jogos. Geralmente são entre eles, mas por vezes são convidados amigos de fora da instituição. Entrar nestes jogos é um dos principais objectivos dos educandos, já que os mesmos representam uma oportunidade de englobar os melhores jogadores da Casa e serem reconhecidos como tal.

O pavilhão é outro local com excepcionais condições para a prática de actividades desportivas e culturais. O ténis de mesa e, principalmente, a ginástica são as actividades desportivas de maior destaque. Além de frequentarem as aulas orientadas pelos professores na instituição, os rapazes utilizam o material disponível para a sua auto aprendizagem.

O pavilhão serve também para algumas actividades culturais, sendo palco para diferentes ensaios de um grupo de música (integrado por um rapaz da Casa) e de dança jazz. O pavilhão é ainda utilizado para a projecção de filmes e para diversas festas organizadas pela instituição e por alunos de uma escola secundária de Faro.

Estes são os lugares onde a presença dos educandos se faz sentir de forma mais intensa e integrada. Mas existem outros que pelas suas próprias características têm igualmente um papel importante nos tempos de lazer. As salas de convívio e os espaços exteriores aos pavilhões são locais utilizados para as conversas e os jogos dos educandos. Geralmente as conversas têm denominadores comuns, nomeadamente, raparigas, sexo, música e futebol. Se estes são os principais temas das conversas entre os educandos, também os problemas da instituição e o passado da mesma motivam algum debate. As experiências vividas são mesmo o principal tema quando se encontra alguém de fora. Gostam de assinalar e até de realçar as “atrocidades” que sofreram. Gostam de referir que “no nosso tempo é que éramos uns bandidos...agora os putos são uns mariquinhas e nós já tamos mais calmos” (16 anos).

Apesar de na instituição existir uma grande diversidade de jogos de mesa, os educandos apenas se divertem a jogar às cartas e com jogos de vídeo ou, excepcionalmente, de computador. Todos os pavilhões têm uma ou mais consolas que são utilizadas pelos seus elementos, mas já os computadores só estão disponíveis na sala situada ao pé do Gabinete de Psicologia e só com autorização lá podem entrar. No plano electrónico, os jogos de futebol são aqueles que têm maior número de adeptos e os campeonatos entre os educandos são frequentes, preferindo os mais pequenos, nomeadamente os do 1º e 3º pavilhão, os jogos tradicionais de cartas.

Para além das conversas e dos jogos, estes jovens passam, independentemente do dia e da hora, grande parte do seu tempo a ver televisão. As telenovelas, os programas infantis, o passatempo “Hugo” e os desenhos animados “Dragon Ball” eram as principais preferências da época. Aliás, este último era o programa mais televisionado por parte de todos. A grande celeuma que estes desenhos animados têm causado um pouco por todo o mundo não incomoda os rapazes que usam as personagens nos desenhos e nas brincadeiras diárias. Também os livros da série “Arrepio” têm grande adesão junto do mais velhos. São histórias “macabras” e que fazem do suspense a sua principal linha de orientação.

A instituição é o local privilegiado para as actividades dos educandos. Por seu lado, fora do IDFG não se pode dizer que exista uma zona de especial concentração destes rapazes. Com excepção da escola, não existe nenhum local onde tenham por hábito encontrar-se. Sendo o grupo de amigos constituídos essencialmente por outros educandos, é natural que os encontros se realizem no interior da instituição. No entanto, em certas ocasiões particulares, os Jardins da Alameda e os bares na baixa de Faro acolhem alguns deles.

Os Jardins da Alameda ficam situados perto do Instituto e comportam uma vasta zona verde e alguns equipamentos desportivos e infantis. O ringue para a prática de futebol e, principalmente, os escorregas, os baloiços e os cavalinhos, entre outros, são utilizados pelos mais pequenos. Às segundas feiras, da parte da tarde, e devido à presença das estagiárias, a presença nestes locais é quase uma obrigatoriedade. São desenvolvidos alguns jogos com os educandos, como por exemplo, o jogo da mensagem, o jogo do lenço e o jogo da apanhada. Nem todos os educandos gostam de participar nestes jogos, preferindo ficar a brincar sozinho.

Durante as noites da semana é frequente os rapazes passearem sem um destino específico. Limitam-se a dar voltas por Faro, a conversar e a “meterem-se com as miúdas” (16 anos). Nas noites de sexta feira e de sábado os educandos preferem ir para a rua dos bares. A entrada nestes locais é pouco frequente e o consumo limita-se apenas a algumas cervejas numa pequena tasca existente. Pelo pouco dinheiro de que a generalidade dispõe, ficam a maior parte do tempo a olhar para quem passa e a “cravar” uma bebida aos colegas da escola.

Os passeios para fora de Faro limitam-se aos que são organizados pela própria instituição. A ida a exposições, cinema e teatros é praticamente nula. Por falta de poder económico mas, sobretudo, por falta de interesse, os educandos limitam estes consumos culturais às ocorridas durante as visitas escolares. Já o cinema é substituído pelos filmes em vídeo. Juntam o dinheiro de 5 ou 6 educandos e por 400\$00 alugam uma cassete de vídeo que ficam a ver numa das salas de convívio ou num dos quartos.

Já foi referido que as actividades de lazer se distribuem entre os espaços da instituição e o seu exterior. Cada local tem uma função e é utilizado para um determinado fim. Contudo, existem gostos e práticas indiferentes dos locais. A música e o desporto não têm espaço definido e tanto podem acontecer nos quartos, como no pavilhão ou em locais públicos.

A música Pop, por ficar mais facilmente no ouvido, é uma das preferidas dos mais jovens. Logo ao acordar os rapazes ligam as aparelhagens ou os pequenos rádios de pilhas e colocam o som no máximo. Estes aparelhos são o principal entretenimento de muitos deles, que encontram na música a forma de preencher os momentos de solidão. Durante o dia é vê-los a cantarolar as músicas preferidas por todo o espaço da instituição. Por vezes, durante a noite (1h ou 2h da manhã) entram nos quartos, e nem o facto de alguns já estarem a dormir, os impede de tocar órgão, guitarra e ligar a aparelhagem.

Se a música Pop tem muitos adeptos, o Hard Rock e, principalmente, o Rap são os géneros musicais ouvidos por todos. A violência do primeiro género e as críticas sociais do Rap constituem, aparentemente, os principais motivos de tais preferências. Alguns dos rapazes escrevem letras alusivas à vida familiar, institucional e social, onde os temas da droga, da violência, do racismo e da exclusão estão sempre presentes. Para além das letras das músicas, também a forma de dançar obedece a um ritual específico. Os rapazes não ficam parados e nos concertos “dançam” aos pontapés, empurrões e gritos. Se as letras são uma forma camuflada de críticas sociais, talvez estas danças lhes permitam a exteriorização do que de outra forma não podem expressar.

Do mesmo modo que a nível musical não existem gostos muito diferentes, no gosto pelo desporto a unanimidade é quase uma regra. O futebol é o desporto preferido de todos e poucos são os que ficam indiferentes à prática do mesmo. Todos os locais servem para “dar uns toques na bola” e as condições do campo

desportivo são propícias ao desenvolvimento de inúmeras iniciativas, das quais se destacam o Torneio de Futebol Inter Escolas do 1º Ciclo organizado pela Câmara Municipal de Faro e o Torneio de Futebol de Cinco organizado pela instituição. Ambos tiveram o condão de abrir as portas da instituição a outros jovens e adultos que deram o seu contributo não só na assistência mas também na participação dessas actividades.

Os mais velhos deparam-se com problemas e constrangimentos decorrentes da falta de dinheiro para alguns gastos⁵. Se querem sair, ir ao cinema, beber uma bebida, ou, simplesmente “oferecer uma prenda à namorada” (14 anos) têm três hipóteses: ganham a amizade das funcionárias e pedem-lhes dinheiro, juntam a semanada durante várias semanas ou arranjam dinheiro de outra forma, sendo que esta passa por roubar, vender senhas do almoço, material escolar ou outras coisas que possam ter algum valor. Até os mais novos são vítimas dos esquemas dos restantes, “quando os miúdos têm 20\$00 eu faço-lhes um desenho e eles dão-me o dinheiro” (14 anos). De uma forma geral, os mais velhos preferem cativar os adultos para obterem dinheiro, enquanto os mais novos utilizam todas as formas até agora mencionadas. Para um dos rapazes, de 15 anos, “os miúdos vão ser os maiores ciganos de Faro, vendem tudo o que podem”. Essa é uma realidade e foi possível encontrá-los a tentar vender convites grátis para uma discoteca algarvia. Outras das estratégias utilizadas é pedirem dinheiro às pessoas em nome “dos pobrezinhos da Casa dos Rapazes”.

Os que trabalham não recebem semanada e têm de dar à instituição uma percentagem dos ordenados auferidos, nomeadamente, 25% para a instituição, 25% fica na conta à ordem do educando e o restante vai para uma conta a prazo que só pode ser movimentada quando este sair da instituição.

Face aos apelos da actual sociedade de consumo, mesmo relativamente aos adolescentes, ignorar o facto e não reconhecer o pouco valor de uma ou duas centenas de escudos, é pretender ou contribuir para que estes jovens sejam diferentes do padrão “normal” com as consequências possíveis daí resultantes em termos de exclusão social.

De uma maneira geral, as atitudes dos rapazes seguem um padrão comum a todo o grupo. Não estudar, jogar futebol, participar nos passeios e nas actividades conjuntas, são apenas alguns desses exemplos. No entanto, existem casos que, positiva ou negativamente, não seguem as linhas demarcadas. Existiram rapazes que pelas suas atitudes consideradas negativas foram colocados de lado pelos restantes. A droga, o roubo de “material pesado”⁶ e a homossexualidade foram algumas das determinantes para a exclusão destes rapazes no passado não muito longínquo⁷. Já as excepções positivas parecem ser mais raras.

Nos anos mais recentes a instituição não conseguiu colocar nenhum rapaz na Universidade e os alunos que terminaram o 12º ano são exemplos para todos, como é o caso de um ex educando que é considerado por todos como o expoente máximo da instituição. Conseguiu terminar o Curso da Escola de Hotelaria com 20 valores e no ano de 1997 abandonou a instituição. Já um outro, de 20 anos, é um jovem com inúmeras actividades, entre elas dança e ginástica, e que também concluiu o curso de Hotelaria. Para além de ambos terem vivido na instituição e de terem frequentado o mesmo curso, estes jovens têm em comum o facto de preferirem conviver com as pessoas de fora. Este parece ser o ponto fulcral que lhes permitiu concluir os seus objectivos. Para o primeiro “na Casa não há condições para se estudar. A minha sorte foi ter estado em Portimão, lá conseguia estudar porque não conhecia ninguém, se estivesse em Faro estava sempre na brincadeira”. Quando as sociabilidades fazem parte do universo exterior à instituição, aumentam as possibilidades de êxito na vida adulta.

⁵ Os valores das semanadas situam-se nos 150\$00 para os mais novos e 200\$00 para os restantes.

⁶ Carros, electrodomésticos e outros objectos de valor.

⁷ Actualmente, continuam a existir casos de “brincadeiras” homossexuais entre os mais pequenos que são devidamente acompanhadas pela Psicóloga da instituição.

Também um educando, de 14 anos, constitui um exemplo da influência negativa dos outros educandos. O comportamento deste jovem na escola era exemplar e numa reunião com os encarregados de educação, a directora da sua turma fez questão de o mencionar. Este elogio teve um efeito contrário ao esperado e o jovem começou a ser vítimas do “gozo” dos restantes colegas. Como o próprio refere “é difícil ser-se o único que se porta bem na turma” pelo que a partir dessa altura, começou a responder às professoras e a faltar às aulas. São apenas alguns exemplos que servem para ilustrar o que acontece quando os jovens têm comportamentos diferentes do grupo e, sobretudo, que permitem concluir que as sociabilidades intra institucionais e as respectivas normas e padrões contribuem para acentuar as dificuldades de inserção na vida adulta, nomeadamente, na esfera escolar e profissional.

Também a ausência de um programa estruturado de acompanhamento escolar, profissional e pós institucional acentua as falhas ocorridas durante a socialização primária e reflecte-se a nível dos projectos e aspirações de vida destes rapazes. A falta de planeamento atrás referida conjugada com práticas e redes de sociabilidade no interior da instituição e com a ausência de adultos que sirvam de referência, dificulta a necessidade de projectar a vida futura, primando os rapazes essencialmente pelo *usufruto do presente*, pelo sonho de *carreira no futebol*.

Existem duas perspectivas para a prossecução de estratégias presentes que visem a vida futura dos educandos. Por um lado, a instituição, que mantendo um clima de pressão, espera o sucesso escolar dos rapazes. Estes, por outro lado, não encontram nos currículos escolares a motivação para completarem um curso superior. A generalidade dos educandos considera que apesar de gostarem da escola “não gostam muito das aulas”. Ora, perante expectativas contrárias, os confrontos são frequentes e os rapazes lamentam a falta de apoio da instituição em relação aos seus desejos.

Na realidade, os projectos de vida destes rapazes limitam-se a sonhos e desejos centrados no indivíduo e nos quais a vertente económica é fundamental, “ter a minha casa, um carro (...) são sonhos de um pobre” (17 anos). A ausência de estratégias estruturadas e a pensar no futuro reflecte algumas das “limitações” desses projectos. Os rapazes vêem no futebol o seu futuro o que os leva a abandonar as qualificações escolares e profissionais tradicionais.

Para além do futebol, as profissões manuais, como por exemplo, cozinheiro, pedreiro e canalizador, são aquelas que os rapazes mais desejam, sendo a possibilidade de usufruírem ordenados elevados a principal razão para estas preferências.

A idade oficial limite de permanência na instituição é os 18 anos. Perante esta condição, alguns rapazes consideram que nessa altura “de certeza que não estaria preparado” (17 anos), outros preferem refugiar-se no tempo que falta, “quando lá chegar veremos se estou preparado” (14 anos). A idade de saída mais do que um objectivo ou desejo dos educandos é um imperativo institucional que, por vezes, condiciona a sua própria vida e as estratégias da instituição. Para os rapazes, nessa altura, é fundamental que se encontrem a trabalhar. Como consideram difícil conciliar trabalho e escola, esta tem de ser abandonada, “penso que quando chegar aos 18 anos não vou tar preparado para sair daqui. Quero primeiro arranjar trabalho, juntar dinheiro para poder endireitar a vida. Não pretendo continuar a estudar, porque se estudar não trabalho, não trabalho não ganho, depois saio da Casa e não tenho nada” (14 anos). Essa questão tem de ser resolvida pela própria instituição que, ou prolonga a idade de saída, o que já acontece frequentemente, ou cria condições para um acompanhamento e ajuda pós institucionalização.

Portanto, o futuro para estes rapazes não é motivo de preocupação imediata, mas está sem dúvida, condicionado pelas próprias circunstâncias em que vivem. A sua preocupação está centrada na vida individual e no presente, privilegiando o “trajecto sem projecto ou sem grandes projectos”.

Como foi sendo referido ao longo desta comunicação, os educandos do Instituto Dom Francisco Gomes são crianças com características muito especiais, pois foram retiradas do seu meio natural, a família, para serem colocadas numa instituição. Aparentemente o impacto psicológico destes factos vai constituir marcas, quase irreversíveis nas diferentes etapas do seu desenvolvimento. Apesar de todo o esforço, a instituição, no seu papel de “instituição ressocializadora”, não parece que consiga substituir funcionalmente a família. O deslocamento de uma criança para fora da família não pode ser uma medida desinserida de um trabalho de fundo com a instituição. Só com este trabalho e com a contínua avaliação daí resultante é possível articular a acção de todos os intervenientes de forma a minimizar os aspectos negativos e engrandecer os restantes.

Sem autonomia financeira continuarão a ser dirigidas por modelos de gestão obsoletos e onde a função ressocializadora que permita a integração social da criança é substituída por uma função depositária e reprodutiva de exclusão social. Isto é, a necessária preparação da criança para a vida adulta e para a futura inserção na sociedade dá lugar a uma formação que visa a saída posterior da instituição independentemente da verificação de condições razoáveis de sobrevivência que passam, entre outras, pela qualificação escolar e profissional.